

**PARA ALÉM DA MEMÓRIA INDIVIDUAL: UMA LEITURA DO SUJEITO LÍRICO NAS  
PROSAS POÉTICAS DE JOSÉ PAULO PAES**

*BEYOND THE INDIVIDUAL MEMORY: A READING OF THE LYRICAL SUBJECT IN THE JOSÉ PAULO PAES  
POETIC PROSES*

*Ricardo Alves dos Santos\**

**Resumo**

Este artigo pretende destacar a maneira de recordar do sujeito lírico na obra *Prosas seguidas de Odes mínimas* (1992) de José Paulo Paes. O poeta busca em sua memória individual a matéria para lembrar o passado, construindo um sujeito lírico que sempre olha para fora de si para manter aberto o diálogo com o outro. A partir das prosas poéticas do poeta, a subjetividade lírica é deslocada, o que promoverá um distanciamento da sua memória revisitada. Esta leitura se construirá por meio de articulações teóricas e críticas, de Bergson a Paulo Henriques Britto, na tentativa de revelar a maestria poética de Paes.

**Palavras-chaves:** Memória individual, sujeito lírico, lírica paesiana.

**Abstract**

The present article aims to emphasize the lyrical subject remembering way in José Paulo Paes' work: *Prosas seguidas de Odes mínimas* (1992). The poet searches in his individual memory the matter to recall the past, building a lyrical subject who always eyes out of himself to support the dialogue with the other. The poet's poetic proses are the initial point to displace the lyrical subjectivity, which will promote his revisited memory detachment. This reading is made through critical theories from Bergson to Paulo Henriques Britto, attempting to reveal Paes poetic mastery.

**Key words:** Individual memory, lyrical subject, paes lyric.

---

\* Discente do programa de Mestrado em Teoria Literária da Universidade Federal de Uberlândia, [ricardo.ia.alves@gmail.com](mailto:ricardo.ia.alves@gmail.com).

## I.

Nascido em 1926, na cidade de Taquaritinga, no interior do estado de São Paulo, o poeta José Paulo Paes inicia sua carreira ao publicar, em 1947, o livro *O aluno*. No contexto de uma postura artística em que os poetas da ‘Geração de 45’ buscavam “renovar a linguagem” poética<sup>1</sup>, a poesia do paulistano sinaliza um olhar lírico inspirado na tradição de seus contemporâneos.

Em 1992, pela Companhia das Letras, é publicado o livro *Prosas seguidas de Odes mínimas*, dividido em duas partes: *prosas* e *odes mínimas*. Os poemas da primeira parte do livro, considerados prosas, foco desta reflexão, apresentam uma voz lírica que busca

<sup>1</sup> Esta posição teórica é destacada por Alfredo Bosi na obra *História concisa da literatura brasileira*.

na experiência passada a maneira de rever sua história de vida: a “memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora” (BOSI, 1994, p.47).

A relevância de Paes no cenário da história literária brasileira é assim destacada por Alberto Lopes Melo:

Entre estes dois pontos extremos – a poética da modernidade e a da pós-modernidade – José Paulo Paes situa-se em uma poética do intervalo; não rompe intensamente com o cânone moderno e erige sua obra paralelamente às várias correntes estéticas que brotaram neste período: o modismo formalista da geração de 45, a antilira cabralina, a poesia concreta nos anos 50, a poesia práxis e o poema-processo dos anos 60, a poesia marginal da década de 70, tangenciando e, por vezes, se utilizando dos

recursos e inovações destas tendências para o enriquecimento de sua poesia. (MELO, 2006, p.13).

O ‘enriquecimento’ da lírica de Paes pode ser claramente vista a partir do primeiro poema de sua obra *Prosas seguidas de Odes mínimas*, “Escolha do túmulo”, no qual os gêneros literários são relativizados e questionados. As prosas, carregadas de expressividade lírica, encadeiam um retorno ao passado, o qual, como enuncia Beatriz Sarlo, “nem sempre é um momento libertador da lembrança, mas um advento, uma captura do presente” (SARLO, 2007, p. 9).

Ao abrirmos o livro de José Paulo Paes nos deparamos com suas *prosas* e uma situação se destaca: ao invés de termos parágrafos que são as unidades de construção de textos em prosa, encontramos uma estrutura versificada,

atentando-nos para um universo lírico e subjetivo pelo qual a memória se delinea na busca de um reencontro com o passado:

### ESCOLHA DE TÚMULO

*Mais bien je veux qu 'un arbre  
m'ombrage au lieu d'un marbre*  
Ronsard <sup>2</sup>

Onde os cavalos do sono  
batem cascos matinais.

Onde o mundo se entreabre  
em casa, pomar e galo.

Onde ao espelho duplicam-se  
as anêmonas do pranto.

---

2 A referência ao poeta renascentista Pierre Ronsard nesta epígrafe coloca-nos em um contexto clássico e tradicional da poesia paesiana. Insinuando a temática da morte destacada pelo sujeito lírico.

Onde um lúcido menino  
propõe uma nova infância.

Ali repousa o poeta.

Ali um vôo termina,  
outro voo se inicia.  
(PAES, 2002, p.13)

A modernidade poética de José Paulo Paes se evidencia quando o poeta traça um embate com a questão dos gêneros literários. O poema “Escolha do túmulo” insere-se nas *prosas* do livro destacado. A prosa, que estrutura o relato, o testemunho, a narração, se reformulará a partir de um olhar agora lírico. A prosa poética de Paes torna-se uma forma de recordar poeticamente. Familiares falecidos, empregados, a infância e a adolescência são marcas daquilo que o poeta escolheu para seu exercício.

Outro aspecto relevante da opção suscitada pelo título do poema é o desejo do sujeito lírico em estabelecer um lugar definitivo entre os escritores, dentro de uma tradição. Esta ideia pode ser avaliada através do discurso lírico marcadamente metafórico e eufemístico, pelo qual José Paulo Paes reflete sobre a morte e sobre a poesia que deixará para as próximas gerações. O “túmulo” simbolizaria a morte e a vida, em uma tessitura poética contraditória e surpreendente, já que o legado do poeta permanece vivo após sua morte: “outro voo se inicia”.

## II.

A questão da memória é fundamental para a realização artística. Marina Maluf destaca que

“[...] o trabalho de rememoração é um ato de

intervenção no caos das imagens guardadas. E é também uma tentativa de organizar um tempo sentido e vivido do passado, e finalmente reencontrado através de uma vontade de lembrar – ou de um fragmento que tem a força de iluminar e reunir outros conteúdos conexos, ‘fingindo’ abarcar toda uma vida” (MALUF, 1995, p. 29).

A ideia de ‘abarcar toda uma vida’ reflete o tom memorialístico da obra paesiana, a qual se formula a partir de uma memória que se funda no indivíduo. Mas esta relação direta ou indireta com uma memória individual atribui o estatuto de verdade aos fatos rememorados? A memória lírica por ser individual revelaria a verdade do sujeito lírico? Ao reorganizar as lembranças, a vida do poeta é revelada? As prosas poéticas de José Paulo Paes são apenas um exercício autobiográfico?

Segundo Dominique Combe, a “reflexão

sobre o estatuto do sujeito lírico nasce estreitamente ligada à crítica do pensamento romântico e das filosofias da ‘expressão’, fundadas no mito de um ser originário aquém da linguagem” (COMBE, 2010, p.116). Esta pontuação de Combe está em consonância à postura dos poetas românticos, para os quais a poesia lírica era a expressão particular e subjetiva do “eu”, não apresentando qualquer relação objetiva de representar o mundo exterior do poeta. A poesia lírica, nesta perspectiva, é a expressão mais íntima e subjetiva do autor.

Nesta perspectiva, a lírica revelaria uma “confissão” do poeta e, assim, estaríamos em um universo meramente autoral. Entretanto, a partir de Nietzsche e de Schopenhauer, segundo Combe, o sujeito lírico passa a ser avaliado de maneira anti-hegeliana, já que os românticos apresentavam uma visão defendida por Hegel

em sua obra *Estética* na qual “o sujeito lírico é a expressão do poeta na sua autenticidade” (COMBE, 2010, p.115).

A crise do sujeito lírico, suscitada no contexto anti-hegeliano, estabelece um novo caminho para a salvação de si. O sujeito passa de uma olhar meramente intimista para uma visão deslocada para fora, sem apenas ser uma transcendência de alma, de espírito, colocando-o em um confronto com o outro que lhe é exterior. A emoção lírica porta, assim, “o sujeito ao encontro do que transborda de si e para fora de si” (COLLOT, 2004, p. 166.).

A arte moderna, configurada a partir de um sujeito fora de si, contempla não apenas uma subjetividade transcendental, ela seria capaz de criar uma ligação entre o mundo exterior e o do próprio artista. O poeta lírico, ao se projetar

para fora de si, atesta o seu descontrole interior; deslocando-se para o outro exterior, o sujeito lírico se inventa e se (re) constrói a partir das palavras enunciadas por ele. A memória individual, essencial para a lírica, se projetará para fora, em um encontro/ desencontro com um outro.

O teor autobiográfico, portanto, não revela uma verdade sobre o poeta, mas nos conduz para uma “ficcionalização” do sujeito lírico, verificada pela maneira com que esse dissimula e confronta a subjetividade e a exterioridade lírica. A experiência individual é, assim, a base para atingir o humano em sua universalidade, mas não sinaliza a verdade autoral, já que o campo literário é o da ficção. Situação também destacada por Dominique Combe (2004):

Os tormentos e as alegrias do amor, a angústia da morte, a melancolia, etc., como

experiências fundamentais do ser humano, constituem os estados de consciência do sujeito lírico, e, por isso mesmo, a matéria – mais que o objeto, que supõe uma tematização, ou seja, uma distância precisamente objetivante - do poema. (COMBE, 2004, p. 126).

José Paulo Paes, como poeta lírico, coloca-nos de frente com um sujeito lírico fora de si, o qual reflete conscientemente sobre a condição humana de ser mortal, deslocando seu olhar lírico para objetos exteriores: uma casa, um retrato, o corpo, integrando memória individual e o mundo exterior em sua poeticidade.

### III. A CASA

Vendam logo esta casa, ela está cheia de fantasmas.

Na livraria, há um avô que faz cartões de boas-festas com corações de purpurina.  
 Na tipografia, um tio que imprime avisos fúnebres e programas de circo.  
 Na sala de visitas, um pai que lê romances policiais até o fim dos tempos.  
 No quarto, uma mãe que está sempre parindo a última filha.  
 Na sala de jantar, uma tia que lustra cuidadosamente o seu próprio caixão.  
 Na copa, uma prima que passa a ferro todas as mortalhas da família.  
 Na cozinha, uma avó que conta noite e dia histórias do outro mundo.  
 No quintal, um preto velho que morreu na Guerra do Paraguai rachando lenha.  
 E no telhado um menino medroso que espia todos eles; só que está vivo: trouxe-o até ali o pássaro dos sonhos.  
 Deixem o menino dormir, mas vendam a

casa, vendam-na depressa.

Antes que ele acorde e se descubra também morto.

(PAES, 2002, p. 33)

O espaço da casa, pelo primeiro verso do poema, parece aterrorizar o eu lírico. Mesmo sem grandes sentimentalismos, a morte assombra o presente do poeta, tentando, a partir de suas memórias, refletir sobre a mortalidade humana. A memória individual do poeta evoca lembranças fantasmagóricas vivenciadas na *casa*. A necessidade de esta ser vendida traduz o quanto o passado é ainda assustador.

A individualidade do poeta é a matéria-prima de sua poesia, recordada de maneira ritmada (anáforas/paralelismos que iniciam cada verso), revela-nos a subjetividade do poeta, ainda

que de uma maneira prosaica, tão necessária na lírica. Situação poética que Paulo Henriques Britto atesta ao tratar sobre a importância da memória para o poeta: “A memória lírica é de natureza individual. O poeta lírico afirma uma individualidade [...], uma subjetividade única, inconfundível” (BRITTO, 2002, p. 124).

O passado permeará a constituição do sujeito lírico de José Paulo Paes, atribuindo-lhe sentido e coerência existencial ao fazer da memória individual a matéria para sua poeticidade, atestando que “o tempo do passado não pode ser eliminado, e é um perseguidor que escraviza ou liberta” (SARLO, 2007, p. 12). A libertação vem da própria atividade artística, reconstruindo um caminho diferente para as suas experiências na *casa cheia de fantasmas*.

Nos espaços evocados desta *casa*, o

avô, o tio, o pai, a mãe, a tia, a prima, a avó, um *preto velho* (todos já falecidos) executam ações presentificadas, os verbos estão no presente do indicativo, evidenciando que o “presente é puro passar do que já foi ao que virá” (BARRENECHEA, 2008, p. 53). A morte é a única certeza humana, e o sujeito poético almeja que a casa seja vendida antes que ele se *descubra também morto*.

O desejo de imortalidade no poema “Escolha do túmulo”, reaparece em “A casa”. As pessoas enunciadas estão mortas, mas perenizadas nos versos de José Paulo Paes. *Um menino medroso* ao espiá-las recorda de um passado solitário e por que não ‘morto’ para todos que circulam pela casa: o pai lendo *livros policiais até o fim dos tempos*, a mãe sempre *parindo a última filha*, enfim cada um preso à sua função, e

o menino só e aterrorizado.

O medo da morte confronta presente e passado na poética de José Paulo Paes. Ele constrói, de certa forma, uma ligação direta com um tema que amedronta também o leitor e, assim, sua poesia, que apresenta um tom particularizado e memorialista, passa para um estágio especular, já que “o poeta lírico, ao recorrer à memória vivida, estabelece com seu leitor um diálogo de semelhanças e diferenças: essas foram minhas vivências, pessoais e únicas, porém reconhecíveis por qualquer outro ser humano” (BRITTO, 2002, p. 128). O sujeito lírico olha de cima, do *telhado*: as memórias vividas são poetizadas de fora, deixando de ser meramente subjetivas, indo ao encontro de um outro que as universaliza.

#### IV.

## CANÇÃO DO ADOLESCENTE

Se mais bem olhardes  
notareis que as rugas  
umas são postiças  
outras literárias.  
Notareis ainda  
o que mais escondo:  
a descontinuidade  
do meu corpo híbrido  
Quando corto a rua  
para me ocultar  
as mulheres riem  
(sempre tão agudas!)  
do meu pobre corpo.  
Que força macabra  
misturou pedaços  
de criança e homem  
para me criar?  
Se quereis salvar-me  
desta anatomia,  
batizai-me depressa

com as inefáveis  
as assustadoras  
águas do mundo.  
(PAES, 2002, p. 15)

Sem adentrarmos à leitura do poema, já observamos que ele é composto em uma longa estrofe, sinalizando um comportamento comum à adolescência: a afobação, a falta de paciência, a necessidade de se resolver tudo aqui e agora, sentimento comum a muitos adolescentes.

A canção, segundo Norma Goldstein, “é uma composição curta, cujo teor pode ser ora melancólico, ora satírico” (GOLDSTEIN, 2002, p.56). A imagem do adolescente construída por José Paulo Paes é de um ser *híbrido*, criança e homem em um mesmo corpo, satirizando o rito de passagem para uma vida adulta. O tom satírico é claramente percebido quando notamos o fato

de o eu poético-adolescente atravessar uma rua na tentativa de fugir dos risos das mulheres. Essa imagem poética pode evidenciar o quanto este estado humano acarreta problemas que ainda ressoam na vida adulta do poeta. Assim, Norma Goldstein, ao caracterizar uma canção, mostra-nos o caráter duplo desta modalidade de composição lírica, duplicidade verificada também em um corpo adolescente e descontínuo. A maestria de José Paulo Paes é realçada.

Em “Canção do adolescente”, notamos que a “memória permite a relação do corpo presente com o passado” (BOSI, 1994, p.46). O sujeito lírico recorda tempos conflituosos pelo qual passou. Interagindo com o leitor (os verbos *olhardes*, *notareis*, *quereis* e *batizai* convidam-nos a um encontro com nossa adolescência), uma memória particular e individual, conduzida pela

percepção de sua imagem corpórea com *rugos postičas* e/ou *literárias*, atesta o valor dela para o exercício poético.

A lírica paesiana carrega uma memória subjetiva, essencial para o fazer literário, a qual apresenta uma relação direta com o conceito de “lembrança pura” trabalhado por Henri Bergson na obra *Matéria e memória*. A lembrança pura seria resultado do entrelaçamento entre memória e percepção. A percepção do objeto presente (corpo com rugas) possibilitaria o acesso do sujeito às lembranças puras, a partir de uma percepção nascente no instante escolhido para recordar. “Enfim, a lembrança pura [...] não se manifesta normalmente a não ser na imagem colorida e viva que a revela” (BERGSON, 1999, p.156). O sujeito poético atenta-nos para as rugas que marcam sua corporeidade, permitindo, a

partir desta percepção, recordar sua condição de adolescente.

A memória individual do poeta confere aos poemas de José Paulo Paes seu caráter memorialístico, a adolescência é resgatada para o instante poético<sup>3</sup>, realçando “os laços da memória e do espírito, senão com a alma” (LE GOFF, 1994, p.471).

Entretanto, as *rugos postizas* do sujeito lírico destaca também a estreita relação entre ficção e autobiografia. A condição de velhice do sujeito lírico está relacionada ao ato inventivo ou ficcional: “umas são postizas /outras literárias”.

---

3 O instante poético aqui é empregado no sentido trabalhado por Bachelard, o qual é verticalizado já que apresenta um movimento dinâmico: dentro, fora; o instante poético é a “consciência [dessa] ambivalência”. “O instante poético obriga o ser a valorizar ou a desvalorizar. No instante poético o ser sobe ou desce, sem aceitar o tempo do mundo, que reduziria a ambivalência à antítese, o simultâneo ao sucessivo.” (BACHELARD, 1985, p.184).

Entretanto, se bem observarmos, a condição de velhice permeia a existência do poeta e isso destaca o aspecto de “ficcionalização” subjetiva importante para a universalização do conteúdo tratado nas prosas poéticas de Paes. A memória individual se refaz para dialogar com a adolescência daquele que já tenha partilhado desta experiência humana.

## V.

### UM RETRATO

Eu mal o conheci  
quando era vivo.  
Mas o que sabe  
um homem de outro homem?

Houve sempre entre nós certa distância,

um pouco maior que a desta mesa onde  
escrevo  
até este retrato na parede  
de onde ele me olha o tempo todo. Para  
que?

Não são muitas as lembranças  
que dele guardo: a aspereza  
da barba no seu rosto quando eu o beijava  
ao chegar para as férias;  
o cheiro de tabaco em suas roupas;  
o perfil mais duro do queixo  
quando estava preocupado;  
o riso reprimido  
até soltar-se (alívio!)  
na risada.  
Falava pouco comigo.  
Estava sempre  
noutra parte: ou trabalhando  
ou lendo ou conversando  
com alguém ou então saindo  
(tantas vezes!) de viagem.

Só quando adoeceu e o fui buscar  
em casa alheia  
e o trouxe para minha casa (que infinitos  
os cuidados de Dora com ele!)  
estivemos juntos por mais tempo.  
Mesmo então dele eu só conheci  
a luta pertinaz  
contra a dor, o desconforto,  
a inutilidade forçada, os negaceios  
da morte já bem próxima.

Até o dia em que tive de ajudar  
a descer-lhe o caixão à sepultura.  
Aí então eu soube mais que ausência.  
Senti com minhas próprias mãos o peso  
do seu corpo, que era o peso  
imenso do mundo.  
Então o conheci. E conheci-me.

Ergo os olhos para ele na parede.  
Sei agora, pai,  
O que é estar vivo.  
(PAES, 1992, p. 21-22)

A subjetividade poética, neste poema, se constrói a partir de um retrato na parede. A imagem do pai suscita lembranças das relações de Paes com esse familiar que mal o conhecia. Entretanto, as lembranças compõem o objeto que permite questionar a obscuridade dos sentimentos que cercavam os laços entre pai e filho.

No poema “A casa”, o pai é descrito como um indivíduo que vive entre leituras de romances policiais, destacando a ausência paterna em tempos que deveria haver um estreitamento das relações familiares. Esta ausência, também, é acentuada no poema “Um retrato”, no qual o eu reitera a ideia de sempre haver entre eles uma *certa distância*.

As lembranças do sujeito lírico mostram-nos um sentimento de medo quando o pai chegava

*para as férias*. Os vocabulários empregados para descrevê-lo *aspereza, duro* justifica o motivo das distâncias e das poucas lembranças que o poeta guarda de seu progenitor. A frieza do pai só era transposta quando esse soltava uma risada para alívio do eu.

O pai sempre estava *trabalhando* ou *lendo* ou *conversando com alguém* ou *saindo de viagem*. A presença paterna impinge tensão e temor, situação que é recordada com distanciamento “[...] pouco maior que a desta mesa onde escrevo/ até esse retrato na parede”.

A partir da 3ª estrofe do poema “Um retrato”, a figura paterna se reconstrói ao olhar lírico de Paes. A doença do pai instaura um questionamento sobre a condição humana de ser mortal. Ressaltando a atenção dada a seu pai pela esposa Dora, a convivência com o estado

terminal deste, promove uma lição de vida a partir do calvário de dor, de desconforto, de luta pela sobrevivência suscitado pela fragilidade de um corpo que nega a morte bem próxima.

No dia em que a morte do pai se confirma, o sujeito lírico dá outro lugar para os ressentimentos: “Aí então eu o soube mais que ausências.”. Ao carregar o caixão do pai, o poeta renova-se, o corpo do pai carrega o peso imenso do mundo, e, assim, a identificação para com ele apazigua o rancor e as mágoas que assombravam o poeta até o momento em que se pôs em frente ao retrato do pai na parede. “Então o conheci. E conheci-me”. O peso do mundo é um fato partilhado com o pai.

Opoemarecuperaumamemóriaconflitante, mas reveladora, designando uma renovação para a dor do sujeito lírico. O ressentimento dá lugar à

lição de vida, um aprendizado que sinaliza que o peso de estar vivo é proporcionado pelo peso de suas lembranças. Plasticamente, o passado incide sobre o presente, subordinando-o à subjetividade lírica de José Paulo Paes, que recorda sua história de vida e atesta a função da memória:

[...] conservar o passado do indivíduo na forma que é mais apropriada a ele. O material indiferente é descartado, o desagradável, alterado, o pouco claro ou confuso simplifica-se por uma delimitação nítida, o trivial é elevado à hierarquia do insólito; e no fim formou-se um quadro total, novo, sem o menor desejo consciente de falsificá-lo (STERN, 1957, p.195).

O caráter elaborativo da memória do indivíduo destacada por Stern aponta as várias maneiras que o passado insinua no presente. Assim, José Paulo Paes, no poema “Um retrato”,

ao buscar lembranças dolorosas vivenciadas com o pai, se revela nu, inteiro ao poetizar sobre a mortalidade humana e o peso da vida: “Sei agora, pai,/ o que é estar vivo”.

As lembranças de José Paulo Paes tornam-se vivas em um contato com leitor, a individualidade e subjetividade do poeta inspiram o leitor para um tempo que parece encontrá-lo. A condição da mortalidade humana não assusta somente o sujeito poético, as maneiras de recordar ora ao pai, ora a casa, destacando as várias formas de a morte insinuar na vida, assombra-nos também. O resgate da memória individual promove o lirismo de seus versos.

Em *Poesia e memória*, Paulo Henriques Britto destaca a importância da memória individual para a poesia lírica e como esta pode dialogar com aquele para quem o texto se dirige:

Para o poeta lírico, a memória é um repertório de causas, explicações e justificativas que lhe permitem criar o seu mito pessoal de individualidade única e singular, a ser fruído pelo leitor - o qual, por meio de um processo de identificação, sente-se gratificado ao constatar que também seu eu, tão único e tão singular quanto do poeta, tem algo em comum com ele. (BRITTO, 2002, p. 125).

Ao recordar sobre a condição humana: ser criança depois adolescente, ser adulto depois velho, e ter a morte como única certeza, José Paulo Paes destaca o percurso que sempre travamos com o tempo. E assegura-nos a importância da memória individual na sua tessitura poética, memória essencial para a composição de um sujeito lírico que se refaz ao percorrer com um olhar exteriorizado e distante os objetos que faz o poeta relembrar, a casa, o retrato, o corpo já cheio

de rugas.

### Referências:

BACHELARD, G. Instante poético e Instante metafísico. In: *O direito de sonhar*. São Paulo: DIFEL, 1985, p. 183-189.

BARRENECHEA, Miguel Angel de. O eterno retorno e a memória do futuro. In: *Dobras da memória*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008, p. 51-63.

BERGSON, Henri. *Matéria e memória*: Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Trad. Paulo Neves. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1999.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 47ª ed. São Paulo: Cultrix, 2003.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: Lembranças de velhos*. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1994.

BRITTO, Paulo Henriques. Poesia e memória. In: PEDROSA, Célia. *Mais poesia hoje*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000, p. 124-131.

COLLOT, Michel. O sujeito fora de si. *Terceira margem*: Revista do Programa de Pós-graduação em Ciência da Literatura. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Letras e Artes, Faculdade de Letras, Ano XI, nº 11, 2004, p. 165-176.

COMBE, Dominique. A referência desdobrada. O sujeito lírico entre a ficção e a autobiografia. Trad. CAMILO, Vagner & MESQUITA, Iside. *Revista USP*, São Paulo, nº 84, dezembro/fevereiro 2009/2010, p.112-128.

GOLDSTEIN, Norma. *Versos, sons, ritmos*. Série Princípios. São Paulo, SP: Editora Ática, 2002.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: *História e memória*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1994, p. 423-484.

MALUF, Marina. A reconstrução do passado. In: *Ruídos da memória*. São Paulo: Siciliano, 1995,

p. 27-89.

MELO, Alberto Lopes. *José Paulo Paes e a anatomia do poema*. 2006. 89f. (Dissertação de Mestrado em Letras) – Departamento de Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande. 2006.

PAES, José Paulo. *Prosas seguidas de Odes mínimas*. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2002.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

STERN, William. *Psicologia general*. Buenos Aires: Paidós, 1957.

*Artigo recebido em: 24/05/2011*  
*Aceito para publicação: 30/08/2011*